



DICASTERIUM
DE CULTURA ET EDUCATIONE

A EMPATIA É UM RECURSO QUE AS UNIVERSIDADES CATÓLICAS TRAZEM DENTRO DE SI

Quando o Papa Leão XIV assinou, a 15 de maio de 2026, a sua primeira Carta Encíclica — significativamente, no 135.º aniversário da *Rerum Novarum* de Leão XIII —, a sua intenção não foi apenas elaborar um documento programático. O seu propósito era identificar com precisão a encruzilhada histórica em que hoje se encontra a humanidade. O avanço da inteligência artificial promete precisamente simular aquilo que a tecnologia nunca poderá substituir: a nossa própria humanidade. Por isso, a *Magnifica Humanitas* não é um tratado sobre a tecnologia. É, como indica o seu subtítulo, um documento sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial. E é precisamente aí, nesse ponto de tensão entre simulação e experiência, que o Papa situa a empatia como uma categoria em risco, justificando assim a urgência do seu apelo a uma reflexão aberta: «Quando a palavra é simulada, mas não encarnada, não constrói uma relação, mas apenas a sua aparência» (MH, n. 100). A primeira Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas — que reúne cem artistas e sete universidades de três continentes diferentes — nasce deste apelo..

A Trienal como ato de empatia

Se existisse uma palavra capaz de representar as Universidades Católicas e a sua visão integral do significado da educação, essa palavra seria precisamente «empatia». A empatia está presente na origem deste projeto universitário; define perfeitamente o seu alcance específico e exprime de forma eficaz a sua missão. Não se trata de um adorno retórico, mas de um princípio estrutural: é a partir da capacidade de se colocar na experiência do outro e de habitar o seu ponto de vista que a universidade pode cumprir a sua vocação mais profunda, isto é, gerar comunidade em torno da verdade. Como recordava São João Paulo II na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (1990), as universidades católicas nasceram «do coração da Igreja», como uma comunidade de professores e estudantes comprometidos com a procura partilhada da verdade e plenamente abertos à totalidade dos saberes humanos. É precisamente aqui que a empatia entra em cena como uma disposição firme que torna possível conjugar uma rigorosa atividade científica com o cuidado constante pela pessoa. Hannah Arendt, no seu ensaio *A crise da educação* (1954), escreveu: «A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir a responsabilidade por ele». Esta intuição encontra uma ressonância particular na tradição das universidades católicas: educar não consiste apenas em transmitir conteúdos; é um ato de amor de quem se sente responsável pelo presente e pelo futuro do mundo, encontrando respostas empáticas às suas necessidades.

A Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas propõe-se, além disso, criar uma rede entre universidades católicas espalhadas por diferentes geografias, acolhendo o desafio de reconhecer uma identidade comum que potencie a riqueza da relação. Juntos, constituímos um sistema, não uma federação de interesses, mas um corpo vivo e articulado, ao qual cada instituição contribui com a sua própria iniciativa, a sua própria linguagem e o seu próprio contexto histórico. Esta convergência de visões e de esforços constitui, por si mesma, um ato de empatia institucional.

O Papa Leão XIV encoraja as universidades a fazer da empatia um instrumento da sua vida quotidiana. Como afirma claramente na Magnifica Humanitas, a empatia é fundamental para que o conhecimento possa «interpretar a complexidade» (MH, n. 137). Do mesmo modo, é ela que permite à comunidade universitária exercer um impacto social e cultural, contribuindo para o «discernimento sobre as escolhas que dizem respeito à vida» (MH, n. 72). Não é por acaso que estas duas dimensões — a capacidade de habitar a complexidade e a de realizar o discernimento ético — aparecem associadas: apenas uma universidade capaz de empatia consegue transformar a fragmentação dos saberes especializados numa sabedoria orientada para o bem das pessoas e das sociedades concretas.

Uma palavra sinónimo de esperança

No frágil e fragmentado contexto do presente, marcado por polarizações crescentes e por formas cada vez mais sofisticadas de comunicação que, paradoxalmente, isolam mais do que unem, a empatia configura-se como uma necessária operação cultural de salvaguarda. É um instrumento cada vez mais indispensável para construir e partilhar conhecimento, para tecer reciprocidade, para promover práticas colaborativas, não apenas no âmbito exclusivo das relações pessoais, mas também, ou sobretudo, no amplo e polifónico tecido da vida coletiva.

As diferentes formas de comunidade que compõem a sociedade global — a família, a escola, a universidade, os espaços da vida civil — têm tudo a ganhar com o aprofundamento desta forma de saber na qual o humano se exprime de modo privilegiado. Uma família que educa para a empatia forma pessoas capazes de enfrentar a diferença sem medo; uma universidade que a cultiva forma profissionais que não reduzem o outro a um dado ou a uma função; um ambiente de trabalho impregnado de empatia transforma-se num lugar de reconhecimento e não apenas de produtividade. Como assinala o Papa Leão XIV, um sistema artificial pode reproduzir os sinais exteriores da compaixão, mas não pode sofrer com quem sofre, nem alegrar-se verdadeiramente com quem se alegra. Por isso, num tempo em que tantos processos — informativos, relacionais e até afetivos — são delegados aos algoritmos, reafirmar a centralidade da empatia humana torna-se um ato de consciência cultural e, ao mesmo tempo, de esperança.

A humildade sem a qual a empatia não existe

O termo empatia é relativamente recente. Não existe no grego antigo nem no latim clássico com o significado que hoje lhe atribuímos. Foi cunhado no final do século XIX e o seu uso mais recorrente regista-se, curiosamente, no âmbito da estética. Quando contemplamos um objeto artístico, projetamos sobre ele um dinamismo que pertence à nossa existência psíquica e que nos permite sentir-nos dentro daquilo que observamos. A partir do vocabulário próprio da estética, a aplicação do termo empatia passou posteriormente para o campo das relações interpessoais, pois, quando olhamos o rosto de alguém, projetamos também nesse rosto o nosso próprio repertório de estados interiores e podemos identificar, por analogia, sentimentos semelhantes aos que já experimentámos. Esta teoria geral sobre a empatia, conhecida como «teoria da imitação interior», teve como autor o filósofo alemão Theodor Lipps e viria posteriormente a ser retomada pela escola de Husserl.

Importa salientar que o círculo fenomenológico de Edmund Husserl percebeu rapidamente que a teoria de Lipps, ao explicar a compreensão do outro como uma projeção do eu, corria o risco de não alcançar o outro na sua alteridade específica. Se tudo aquilo que reconheço no rosto alheio é uma projeção da minha própria experiência interior, nunca saio, na realidade, de mim mesmo: o outro permanece, no fundo, como um reflexo meu e não como um sujeito autónomo, dotado de uma vida interior genuinamente distinta da minha. Foi precisamente sobre este problema que Edith Stein, filósofa, santa e doutora da Igreja, uma das referências fundamentais para o diálogo entre fé e razão na contemporaneidade, escreveu a sua tese de doutoramento, intitulada *Zum Problem der Einfühlung* — «Sobre o problema da empatia».

Stein insiste num ponto decisivo: nunca vivemos a dor ou a alegria do outro tal como o outro as vive; vivemo-las como pertencentes ao outro. É esta humildade constitutiva — o facto de que a empatia nunca anula a alteridade do outro nem a absorve ingenuamente na minha própria experiência

— que transforma a empatia num ato de conhecimento respeitador, e não numa forma de relativismo ou apropriação. O exercício paciente dessa proximidade, na qual o outro pode ser verdadeiramente reconhecido como outro, constitui um ensinamento importante para a nossa época, marcada por novas formas de incompreensão cultural ou de despersonalização algorítmica.

A Trienal como escola da empatia

O conceito de empatia oferece à primeira Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas um estímulo fecundo para colocar em diálogo a estética e a ética e, ao mesmo tempo, para incentivar todos os saberes a uma conversação interdisciplinar, aproximando-nos uns dos outros para realizar juntos esse exercício exigente, paciente, mas apaixonante que é, no fundo, o reconhecimento mútuo.

São John Henry Newman, em *The Idea of a University* (1852), tinha descrito com lucidez este mesmo movimento como o verdadeiro fruto da vida universitária: os estudiosos, orgulhosos das suas próprias disciplinas e, precisamente por isso, em competição entre si, são levados pela convivência a ajustar as pretensões e os limites dos seus respetivos campos de investigação e, assim, «aprendem a respeitar-se, a consultar-se e a ajudarem-se mutuamente». É precisamente esta passagem — da rivalidade entre especializações ao respeito recíproco, do isolamento disciplinar à ajuda mútua — que a Trienal se propõe promover, não apenas entre os saberes, mas também entre pessoas, instituições e culturas.

Afirmar a amizade como fermento cultural é uma tarefa urgente que deve unir-nos a todos, dentro das nossas comunidades universitárias e para além delas. A criatividade artística pode potenciar novos exercícios de empatia institucional e pessoal, inspirar o pensamento e a ação, motivar a escuta e o fluir da vida. A obra de arte é sustentada por uma estrutura paradoxal que a torna, ao mesmo tempo, uma realidade física, visível e tangível — tela, pedra, vídeo, som — e o veículo de uma intencionalidade, de uma ferida, de uma interioridade que a transcende e que não se deixa reduzir à pura materialidade. É precisamente esta tensão entre matéria e sentido que faz da obra de arte um lugar privilegiado para o exercício empático: diante dela, somos convidados a suspender o juízo imediato, a deter o olhar, a permitir que algo diferente nos interpele antes de o classificarmos ou instrumentalizarmos.

Do mesmo modo, nas relações humanas, o momento transformador acontece quando deixamos de olhar o outro em função da sua utilidade e nos tornamos capazes de o reconhecer no seu próprio ser, de forma gratuita e não instrumentalizável. Por isso, a Trienal pode legitimamente apresentar-se como uma escola de empatia, porque aprofunda transversalmente essa mesma capacidade percetiva e afetiva que somos chamados a exercer nas relações concretas da vida académica e social. A própria arquitetura internacional do projeto é já, por si mesma, um exercício de empatia institucional, um convite a habitar uma escuta comum do bem, da verdade e da beleza.

Agradecimentos

Uma palavra de gratidão é devida às sete universidades que aderiram ao projeto desta primeira edição da Trienal e que a sonharam empaticamente: à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na pessoa do seu Reitor, P. Anderson Antonio Pedroso, S.J.; à Pontifícia Universidade Católica do Chile e ao seu Reitor, Prof. Juan Carlos de la Llera; à Pontifícia Universidade Javeriana e ao seu Reitor, P. Luis Fernando Múnera Congote, S.J.; ao Boston College e ao seu Presidente, P. John T. «Jack» Butler, S.J.; à Universidade Católica do Sagrado Coração e à sua Reitora, Prof.^a Elena Beccalli; à Universidade Católica Portuguesa e à sua Reitora, Prof.^a Isabel Capelo Gil; e à Universidade Católica de Angola e à sua Reitora, Prof.^a Irmã Maria da Assunção.

O extraordinário artífice desta Trienal é o Prof. Nuno Crespo, a quem o Dicastério para a Cultura e a Educação confiou a curadoria geral, juntamente com a sua equipa de trabalho, em particular o curador assistente João Pedro Amorim. A eles juntou-se um criativo colégio de curadores que representam as sete etapas desta Trienal; o nosso agradecimento a Luiz Camillo Osorio e Cadu (Rio de Janeiro); a Alexia Tala (Santiago); a Lucía Parias e Sylvia Suárez (Bogotá); a Sheila

Gallagher (Boston); a Elena di Raddo e Alessandra Squizzato (Milão); a Filipa Oliveira e ao P. João Sarmento, S.J. (Lisboa); e a Kiluanji Kia Henda, Mehak Vieira, Osvaldo Sebastião da Silva e Suzana Sousa (Luanda). Todos eles selecionaram cerca de uma centena de artistas que são verdadeiros mestres da empatia: protagonistas capazes, cada um à sua maneira, de nos ensinar a sair de nós próprios para habitar, com respeito e sem pressa, o mundo do outro.

Que a Trienal possa reforçar o papel internacional das Universidades Católicas como laboratórios culturais capazes de contribuir para a tarefa da humanização, ativando dinâmicas de pensamento ao serviço da paz, do progresso espiritual e da fraternidade.

Card. José Tolentino de Mendonça

Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação

6 de agosto de 2026